

BOQUEIRÃO DOS NEGROS: ALÉM DOS LIMITES DA MEMÓRIA

Vanderlucy Barreto Duarte Neri dos Santos

(UESB)⁴⁰⁵

RESUMO

Este artigo é parte do terceiro capítulo de pesquisa monográfica de final de curso de graduação em História e aborda sucintamente o significado e a importância da memória da Comunidade descendente de Quilombo Boqueirão situada no distrito de José Gonçalves a aproximadamente 40 km de Vitória da Conquista, município do qual faz parte. Tal trabalho foi pautado no uso de fontes documentais, sobretudo, pelo uso da fonte oral, da memória, pois elas (fonte oral e memória) possibilitam que indivíduos pertencentes a categorias sociais geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos - deixando registradas para análise futura sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem. Isso foi possível graças a um novo direcionamento na metodologia da história a partir da instituição de outros paradigmas referentes à historiografia. Como suporte teórico-metodológico no que se refere à memória, os estudiosos priorizados foram Maurice Halbwachs e Michael Pollak. E os relatos dos moradores da comunidade serviram como suporte e exemplos de como a memória pode ser fonte e método sem perder sua validade em nenhum dos casos. Ora, a Comunidade Boqueirão, evidentemente, é uma comunidade de tradição oral, e como tal, a recuperação de sua história só será possível por meio da memória. É através dos testemunhos vivos, que surge a possibilidade de interpretação da memória que se gestou ao longo vários anos - passando por longos silêncios, onde o não dito esperou o momento propício para aflorar. Essa memória tem os pés no presente e no passado. Ela, com suas reminiscências, vai ao passado e volta ao presente. A memória, que vai sendo organizada, visa igualmente alcançar o reconhecimento dos outros. Sua significação abrange o real com seus conflitos e o imaginário que faz os tempos diferentes se cruzarem. Portanto, se faz mister ressaltar o mérito da memória coletiva, colhida através das histórias de vida, como uma importante fonte de investigação. Em se tratando da Comunidade em questão, isto é, Boqueirão, suas tradições culturais, de um modo geral, não estão registradas oficialmente, a tradição oral é que tem atravessado a barreira do tempo.

⁴⁰⁵ GEPHAN – Museu Pedagógico – UESB. E-mail: vanderlucybdns@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

INTRODUÇÃO

A partir de entrevistas realizadas entre 2003 e 2005, principalmente com as pessoas mais idosas da comunidade foi possível constatar não só a organização do grupo, sua origem, as relações de parentesco, religião, economia, como também - e o mais imperativo nesta pesquisa - como o grupo se relaciona com o passado, isto é, como a memória do cativo e todo o sofrimento dos seus antepassados permanecem vivos e quando vem à tona, é entrecortado pelos “silêncios”. Nesse caso, o não dito, o proibido ou vergonhoso, é política ou culturalmente estabelecido como artifício de sobrevivência de grupo. Ora, os depoimentos permitem acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Tal situação manifesta-se na seletividade das experiências e dos espaços envolvidos nas lembranças narradas.

Este artigo é parte de minha monografia de conclusão do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Tal pesquisa consistiu em um estudo etnográfico, tecendo discussões acerca da origem e do cotidiano da Comunidade Boqueirão dos Negros, situada no Distrito de José Gonçalves a, aproximadamente, 40 km do município de Vitória da Conquista, ao qual pertence. Nela procurei ainda estabelecer considerações que pudessem elucidar a trajetória do grupo desde sua origem analisando a possibilidade dele ser remanescente de quilombo e enfocando, também, a presença indígena na sua constituição. Depois, inquirir sobre alguns aspectos relacionados à forma de organização social, isto é, os processos pelos quais o grupo se apropria e integra subjetivamente formas convencionais da vida sociocultural.

No artigo em questão a prioridade é dada ao terceiro capítulo do trabalho supracitado, que tem por título: “Além dos limites da memória”. Nele, procuro demonstrar sucintamente o significado e a importância da memória enquanto

fonte para o resgate da trajetória de comunidades, com base na transmissão oral dos saberes necessários à vida em grupo. É a partir da memória da comunidade Boqueirão dos Negros que busco evidenciar a representação da escravidão para ela e também como ela organiza e estabelece seus laços identitários.

Tal trabalho foi pautado no uso de fontes documentais, sobretudo, pelo uso da fonte oral, da memória, pois elas (fonte oral e memória) possibilitam que indivíduos pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidos - deixando registradas, para análise futura, sua própria visão de mundo e aquela do grupo social ao qual pertencem.

Vários são os estudiosos que trabalham com História oral e memória. Neste trabalho cito apenas aqueles que são fundamentais para o embasamento teórico, no que se refere a esta temática. São eles: Maurice Halbwachs, Michael Pollak, Jacques Le Goff, Alessandro Portelli, Paul Thompson, José Carlos Sebe Bom Meihy, Janaina Amado, Astor Antonio Diehl, Antonio Montenegro e Ecléia Bosi, no Brasil, uma das pioneiras em estudos sobre memória com a obra “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”.

De maneira geral, a maioria concorda que a memória não pode ser vista simplesmente como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de importância secundária para as ciências humanas. Trata-se da construção de referenciais sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais.

Para melhor embasamento no que se refere à memória como fonte, Maurice Halbwachs “A Memória Coletiva”, obra póstuma publicado em 1950 e Michael Pollak com os artigos “Memória, esquecimento e Silêncio” e “Memória e Identidade Social”, publicados na Revista Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas, são considerados teóricos essenciais neste trabalho.

O primeiro, considera que a memória coletiva envolve memórias individuais, mas não se limita a elas. Ou seja, um indivíduo participa de duas



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

espécies de memórias, as individuais e as coletivas. De um lado, tem suas lembranças constituídas por sua vida pessoal, no conjunto de sua personalidade. Simultaneamente, há um quadro de outras lembranças compartilhadas de modo que se tornam impessoais. Esta seria então a memória coletiva que contribui para o sentimento de pertencimento a um grupo de passado comum. As memórias individuais são mais densas e contínuas, sendo que a memória coletiva é mais ampla, e de certo modo, obedece a um esquema.

Entre a consciência coletiva e individual, desenvolve-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam. Distingue pois que a “memória histórica”, supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado; e a “memória coletiva”, é aquela que recompõe magicamente o passado. Insiste em que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca, estamos só. (1990, p. 26).

Para ele, cada grupo produz e atualiza a sua memória de acordo com seus interesses presentes. Afirma ainda que a memória não é algo pronto e acabado e em sua dinâmica de constituição, elimina interesses, estabelece novos jogos de poder, permuta os conteúdos da lembrança e do esquecimento. Lembrança e esquecimento, nessa situação, é a dupla “determinante” da memória que está sempre se atualizando. Sendo assim, pode-se afirmar que a memória não tem passado, sobrevivendo enquanto seus personagens vivem ou se lembram.

Segundo Halbwachs, a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. A memória coletiva contribui para o sentimento de ligação a um grupo de passado comum, que compartilha memórias.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

[...] no plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com grupos mais próximos mais freqüentemente em contato com ele. (1990:45).

Para Pollak, memória é um processo contínuo de lembrar e esquecer, abarcando fundamentalmente jogos de interesse. A memória coletiva estabelecida é uma zona de disputa em que se buscam definir e reforçar sentimentos de pertença, territorialidades, peculiaridades, coesão. “Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência”, ele ainda destaca, ressaltando a pertinência de se falar em “memória enquadrada, um termo mais específico que memória coletiva” (p. 9). Ao enfatizar que as “memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento é certamente um elemento importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade”, ele mostra claramente o esquecimento e o silêncio como elementos constitutivos categóricos da sociabilidade.

Este autor é muito importante na interpretação da memória da comunidade aqui estudada, isto é, Boqueirão dos Negros, sobretudo porque seu trabalho está relacionado a “grupos discriminados”, a partir do que ele chama de “memórias subterrâneas”, baseado nas memórias de mulheres no campo de concentração, memórias estas caracterizadas pelo silêncio, o não dito e pelo esquecimento. Para ele o não-dito, indizível, proibido ou vergonhoso, política ou culturalmente, é estabelecido como artifício de sobrevivência de grupos ou etnias ou por estratégia de dominação por parte do poder hegemônico e tem a mesma proeminência do que é dito nos processos de memória coletiva ou de enquadramento de memória.

Tanto para Halbwachs quanto para Pollak, o espaço e as lembranças sensoriais adquirem particular importância para a construção da memória. É, em



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

boa medida, o cenário do passado que evoca lembranças, articula tradições orais do povo.

Ora, a Comunidade Boqueirão dos Negros é uma comunidade de tradição oral, e como tal, o resgate de sua história só será possível por meio da memória. É através dos testemunhos vivos, que surge a possibilidade de interpretação da memória que se gestou ao longo de vários anos - passando por longos silêncios, em que o não dito esperou o momento propício para aflorar. Essa memória tem os pés no presente e no passado. Ela, com suas reminiscências, vai ao passado e volta ao presente. A memória, que vai sendo organizada, visa igualmente alcançar o reconhecimento dos outros. Sua significação abrange o real com seus conflitos e o imaginário que faz os tempos diferentes se cruzarem. Portanto, se faz mister ressaltar o mérito da memória coletiva, colhida através das histórias de vida, como uma importante fonte de investigação.

O trabalho com histórias de vida nos remete a questões como a lembrança e o esquecimento, o não dito que exige certo rigor na interpretação, pois é a partir dos relatos dos personagens envolvidos, que se busca a compreensão de como eles “reatualizam” as suas experiências em histórias que nos dão conta das narrativas de vida privada e da memória do grupo. No caso da comunidade Boqueirão dos Negros, pode-se afirmar que a seleção das fontes foi proposital, uma vez que a prioridade neste caso foi dada aos membros mais velhos da comunidade. Estes, ao recontar a história de suas vidas, a partir do presente, narram a história de vida de suas famílias, trazendo a público a dinâmica das transformações sociais. De certa maneira, os membros mais velhos das comunidades de tradição oral, têm o papel de intermediários entre as gerações e de transmissores do valor social atribuído à família.

A produção de fontes orais passa pela recolha de informações junto a testemunhas e, para isso, é necessário o uso de técnicas pertencentes ao universo metodológico da história oral.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Assim, as entrevistas foram rigorosamente analisadas, considerando as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, uma vez que o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma simulação dela. Ora, os depoimentos permitem acesso a uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Tal situação manifesta-se na seletividade das experiências e dos espaços envolvidos nas lembranças narradas, que só podem ser interpretadas se relacionadas à vida do depoente.

O passado pode ser lembrado e narrado de várias formas. Um episódio concreto pode suscitar diversas memórias. Isso depende de como foi registrado no momento e, especialmente, do tempo de quem o rememora e o reconta. Como afirma Michael Pollak (1989, p. 9), a memória é “uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”.

O grupo aqui estudado tem sua história pautada na oralidade. A tradição se estabelece pela ação direta da memória que, por sua vez, se configura como um fio que se entrelaça como uma rede de referências. Assim, a memória também contribui para o estabelecimento da identidade da comunidade.

A análise dos depoimentos por meio da memória familiar e das histórias de vida da Comunidade Boqueirão dos Negros visa uma incursão em suas raízes históricas, em sua percepção do tempo do cativo, em sua ancestralidade e identidade. As narrativas sobre o passado conglomeram fragmentos das histórias de vida e nos mostram como o modo de entender o passado é construído e integrado à vida das pessoas. Essa reconstrução do passado, seja a nível individual ou coletivo, está impregnada de identificação.

Meu avô era como um carvão bem preto, ele chegou aqui no tempo da escravidão, pois sofria muito, então teve que fugir, encontrando esta mata ele foi abrindo e ficando, andava escondido correndo na escuridão, eu não sei de



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

onde ele veio, morreu velho. Mas, aqui todo mundo aqui é parente, primo, sobrinho, essa nação, irmão... (Anisia Maria de Souza, 85 anos, 2003).

Essa comunidade se formou quando a escravidão ainda vigorava no Brasil. Em algumas entrevistas os dados ligados à origem aparecem de forma bastante efetiva, com uma memória do cativo, construída como referência de ancestralidade e vínculo identitário na leitura de vida dessas pessoas.

O povo que veio pra cá escondido do cativo, mas não é do meu tempo [...]. Eu ouvia os mais velhos falar do finado Brás que ele serviu no cativo [...]. O povo perguntava: ô tio Brás vocês vieram de onde? Ele respondia: vocês são muito perguntadores, nós viemos da resina da gata, que o senhor lá judiava muito de nós. Eles fugiram... quando chegaram aqui, encontraram esse lugar sem morador nenhum, só a mata, eles abriram esse terreno e uns que tinham mulher foram buscar a noite escondido e foi produzindo essa gente que está aí. Só não casou irmão com irmã. (Anisia Maria de Souza, 2005).

Mas nos relatos, os depoentes não fazem referência a respeito da localidade específica de onde os primeiros habitantes vieram.

Brás eu conheci, Brás, esse eu não sei informar porque uma hora ele dizia que era desse sertão, depois dizia que era de outro sertão. Você sabe onde era esse sertão, não é?... (se calou, mas como se quisesse dizer algo mais, porém não podia). Ele falava que veio da resina da gata, não sei de onde, não sei de onde... Então, ninguém sabe onde era a resina da gata. Eu estou com essa idade e não sei. (risos). Esse Julião, que veio para cá - eu ainda alcancei -, mas esse também ninguém sabe de onde veio não [...]. (Almezino José dos Anjos, 84 anos, 2005).



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Sempre que perguntava a eles sobre esta questão, a resposta era a mesma: “vieram da resina da gata”. Mas essa informação não se refere à localidade, mas ao fato de esses primeiros habitantes serem escravos fugidos. O ato de não falar revela o apego ou repulsa destinada ao lugar, espaço, na memória do grupo. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido faz parte dos mecanismos utilizados pelo grupo para se defender e se resguardar. Falar da origem de seus antepassados é relembrar, de certo forma, a dor e as humilhações que seus antepassados sofreram por conta da escravidão. No relato acima, percebe-se que, em vários momentos, sua fala é entrecortada pelo silêncio. Esse silêncio, segundo Pollak, na maioria das vezes, revela lembranças dolorosas. Nesse caso, essas lembranças remontam ao período e ao sofrimento imposto pela escravidão.

Na maioria dos casos, os dados ou aparecem em rápidas menções ao parentesco escravo, sobre os quais se calam ao longo da entrevista ou simplesmente não há menção ao cativo ou a qualquer outra informação que aponte para origem escrava.

Aqui ninguém vê ninguém de longe não. E esse caso que o povo fala, aqui ninguém veio do cativo. Teve cativo, mas aqui nunca teve cativo. Ninguém veio fugido por que aqui era uma mata e meu avô e bisavô é que foi abrindo e foi chegando gente e filho e construiu família [...]. Eu vou te falar que ninguém veio do cativo, quem disser isso está mentindo. Todos aqui é família, ninguém é do cativo. São essas as pessoas que não é da gente. (Anita Rosa de Souza, 58 anos, 2005).

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Essa negação é compreensível, pois a menção aos antepassados e às histórias do cativo relembra a vida de sofrimento. Essa negativa é sempre acompanhada do constrangimento, mostrando, claramente, que é um assunto difícil de ser tratado. No entanto, mesmo que em rápidas passagens, podemos retirar dados significativos de alguns testemunhos, sobretudo no que diz respeito à construção de uma representação específica compartilhada sobre os significados da escravidão.

O senhor judiava muito deles... Ai eles fugiram de noite escondido do cativo. Agora quando eles (o senhor) acabava de encher a barriga deles chamavam eles, Brás e Julião: anda pra ração. O senhor deles colocava a mesa cheia em cima de milho e eles colocavam as mãos em cima e a palmatória de ferro e apanhavam de palmatória de ferro. E a palmatória de ferro... ó batendo, batendo, batendo até quando cansavam um apanhava outro, outro. A meia noite, eles fugiram e chegaram aqui nesse lugar .(Anisia Maria de Souza, 2004).

Percebe-se, nas narrativas, que os entrevistados, mesmo tendo nascido livres, a experiência histórica da escravidão ainda é muito marcante em sua memória. Sendo assim, pode-se deduzir que as imagens do cativo, mesmo não tendo sido vividas na prática pelos depoentes, delineiam os significados do cativo de forma idealizada, conjugando elementos que retratam a condição escrava, como a violência e despersonalização do cativo. Desse modo, a aparência da violência se expressa de forma preponderante, especialmente na alusão aos maus tratos, ao trabalho excessivo e às condições de vida dos escravos.

Como eu estava falando, o cativo era assim: prender para não sair, para não sair para canto nenhum e ficar só no cativo ali, trabalhando para o, o, para "eles" mesmo.

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

O cativo prendia os negros, porque quanto mais negro, é que "eles" compravam caro para ficar no cativo. Porque ali pegavam os negros e castigavam eles. O cativo era isso: Tinha o senhor dos negros, que pegavam os negros, prendiam e judiavam muito... (Tertulino Manoel dos Anjos, 75 anos, 2001).

Às vezes, um relato intercalado pelo silêncio é revelador. Não é fácil contar a desconhecidos suas lembranças sobre sua vida sofrida, suas perdas e conquistas, se lembrar dos antepassados e do sofrimento vivido por estes. O silêncio intrigante em alguns momentos das entrevistas aponta para o fato de quanto é dolorosa a lembrança do cativo. Além disso, deve-se levar em conta que, por mais que as falas dos narradores analisados neste trabalho contenham a singularidade de cada narrador, o fato é que eles partilham representações de grupo, cujo registro se deu através das histórias que seus antepassados contaram sobre a experiência histórica da escravidão que vivenciaram.

O povo falava do cativo, mas eu... Mais ou menos ouvir falar. Por que era um tempo sofrido, né? Mas eles tinham que cair fora do que... do que é ruim mesmo. Ele tinha que cair fora. E a criança que eles já tinham estava tudo morrendo a míngua e de fome e... Eles fugiram do cativo, fugiram mesmo porque [...] (Almezino José dos Anjos, 2005).

O legado desse passado inscreve-se também no lugar ocupado por eles na sociedade. São pessoas que experimentaram uma vida de sacrifícios e sofrimentos, marcada pela pobreza, pela falta de oportunidade, pela discriminação. Portanto, o não-dito vai além da memória da escravidão.

Tinha muita discriminação, por que os brancos... O Boqueirão é dos negros. Os pretos devem colocar os brancos para subir a ladeira. Nas festas era sempre assim.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Os brancos... Então respondíamos dentro da roda com versos para rebater a provocação: Samba de branco o negro não vai lá. Se ele for ele cai no mangá (chicote). (Anisia Maria de Souza, 2004).

Este testemunho mostra como o grupo ainda é tratado na atualidade pela comunidade “branca”. Ele é discriminado e, além disso, tem seu espaço invadido e seus valores culturais e crenças são desrespeitados. Entretanto, percebe-se também que o grupo lida de forma imponente com o preconceito e discriminação dentro de seu território. Ao afirmar que “o Boqueirão é dos Negros”, o grupo assevera sua identidade e não aceita se submeter ao “opressor”.

Para isso, ele se apega aos seus traços culturais e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é nesta conjuntura social que estabelecem sua relação com a terra, tornando-a um território carregado de significações relacionadas à resistência cultural. Vale frisar que não é qualquer terra, mas a terra na qual cultivaram alguma autonomia cultural, social e, por conseguinte, a auto-estima.

A análise de algumas entrevistas realizadas na comunidade Boqueirão dos Negros, entre 2003 e 2005, evidencia o como o sentimento de pertença ao grupo é intenso. A maneira como produzem representações de sua peculiaridade, baseados na tradição, na memória, mas também a partir de um objetivo comum, é que define o que pode e o que não pode ser revelado. Em todos os relatos somente veio à tona aquilo que não compromete o grupo. Um exemplo disso é a questão da violência dentro da comunidade.

Ali existem vários problemas como os casos de violência, de estupros, gravidez na adolescência e prostituição, mas geralmente são ocultados por ela. É claro que esse silêncio, é perfeitamente compreensível. É o “silêncio político”. (POLLAK, 1992, P. 6). O ato de não falar sobre o assunto é para não comprometer o



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

grupo. Alguns casos de violência são relatados nos depoimentos de seus moradores. No entanto, são casos atribuídos a pessoas de fora. Há um fato ocorrido há algum tempo dentro da comunidade que é relatado por um morador da Fazenda Úrsula, vizinha ao Boqueirão dos Negros.

[...] Uma senhora que foi da aldeia dos índios, ela era cabocla, ela tinha um cabelo grande e preto morava no Boqueirão, ele e o marido. [...] Só que ela criava uma neta e essa neta conseguiu arrumar um marido, só que esse marido era muito agitado. [...] A casa dela é aí no fundo, chegando lá não sei o que aconteceu. Quando chegou lá não sei por que, talvez com ciúmes da menina e ela deve ter ido falar alguma coisa e ... Ele entrou com uma foice e matou a menina (esposa) ela tinha uma criancinha, e aí bateu a foice na cabeça dela (senhora D. Rosalina) ela estava com a criança quase que atingiu a criança, mas aí chegou alguém e pegou a criancinha. [...] Ele foi preso, já soltaram e ele está calmo, a gente aconselhou... (Alcides José de Oliveira, 59 anos, 2005).

Vale ressaltar que esse episódio foi narrado por alguém que não faz parte do núcleo do grupo. Os moradores não se pronunciam sobre os problemas supracitados.

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. (POLLAK, 1992, P. 6).



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Existe ali um código de conduta constituído e é o estabelecimento desses laços socioculturais que vão determinar o grau de pertencimento identitário do grupo e, conseqüentemente, deliberar a conduta a ser seguida por todos.

Porque às vezes tem um causo que ele vai conseguindo, conseguindo, pelo “pontozinho” que você soltar dá problema, pois vocês são não sabem e nós que sabemos só conta aquilo que pode. Que nem tudo pode contar, tem coisas que dá problemas. (Anita Rosa de Souza, 2005).

Enfim, pode-se afirmar, de maneira geral, que a memória constituída por grupos, cuja base é a oralidade, como é o caso da comunidade Boqueirão dos Negros, tem como principio básico manter a coesão interna e defender as fronteiras que o grupo tem em comum. As lembranças dos fatos que tecem a vida de cada membro do grupo é o elemento central na construção da tradição familiar e, assim sendo, os seus “guardiões” revelam apenas aquilo que não compromete o grupo e seu bem estar. Percebe-se isto claramente nos relatos dos depoentes da comunidade supracitada, pois, em nenhum momento, os depoentes revelaram aquilo que poderia afetar ou provocar constrangimentos ao núcleo.

Portanto, o trabalho com a memória não nos aprisiona ao passado, pelo contrario, permite o resgate de aspectos do passado e, assim, possibilita uma transformação da consciência das pessoas nele envolvidas, haja vista que o indivíduo carrega em si a lembrança e está sempre interagindo com seu grupo. Desta forma, a memória do grupo serve não só para afirmar a sua identidade e trajetória, mas também para resgatá-la e conservá-la.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Edinalva Padre. (org.) **Ymboré, Pataxó, Kamakã**: A presença indígena no Planalto de Conquista. Museu Regional de Vitória da Conquista – UESB, 2000.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

CARDOSO, C. F. & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, E.: **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

DIEHL, Astor Antonio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FERREIRA, Grazielle de Lourdes Novato. **O distante, o próximo, o aqui: Comunidades negras em transito em Vitória da Conquista**. 2003. 110 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. Loyola, São Paulo, 1996a.

MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da escravidão: O ventre de ferro e dinheiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **História do negro do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989

_____. (org.) **Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e Silêncio**. In: Estudos Históricos. 1989 vol. 2. São Paulo. Cpdoc/FGV.

_____. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 1992 vol. 5.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Gênero**. Revista PROJETO HISTÓRIA: 09-36, Nº. 22, São Paulo, 2001.

REIS, João José e GOMES, Flavio dos Santos (orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SLENES, Robert W. **Na Senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava. Nova Fronteira, 1999.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado** – História Oral. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1998.

DEPOENTES

Alcides José de Oliveira, 59 anos. Comunidade Úrsula

Almezino José dos Anjos, 84 anos. Comunidade Boqueirão dos Negros

Ana Rosa Silva, 82 anos. Comunidade Boqueirão dos Negros

Anisia Maria de Sousa, 84 anos. Comunidade Boqueirão dos Negros

Anita Rosa de Souza, 58 anos. Comunidade Boqueirão dos Negros

Maria Lucia de Jesus, 50 anos. Comunidade Boqueirão dos Negros

Tertulino Manoel dos Anjos, 75 Anos. Comunidade Algodão